

# A INTRUSA

DE MAURICE MAETERLINCK

Tradução de  
F. Rebello de Almeida

(\*) *A Intrusa* é um dos primeiros dramas de Maeterlinck e uma das obras mais características da dramaturgia simbolista, em que “as potências invisíveis e fatais, cujas intenções ninguém conhece, mas que o espírito do drama supõe malélicas, atentas a todas nossas ações, hostis ao sorriso, à vida, à paz, à felicidade... e que tomam geralmente a aparência da morte, cuja presença infinita, tenebrosa, hipocritamente ativa, preenche todos os interstícios do poema” — segundo o próprio autor. A morte é o verdadeiro protagonista do drama.

## PERSONAGENS:

O AVÔ (cego)  
O PAI  
O TIO  
AS TRÊS FILHAS  
A IRMÃ DE CARIDADE  
A CRIADA

*Compartimento sombrio de um velho castelo. Portas à direita e à esquerda e uma outra, mais pequena, dissimulada, num ângulo. Ao fundo, janelas de vitral, em que predomina a cor verde, e uma grande porta, envidraçada que abre para um terraço. A um canto, um grande relógio flamengo. Uma lâmpada acesa.*

*A ação decorre nos tempos modernos.*

AS FILHA MAIS VELHA — Apesar disso vêm-se as estrelas.

O AVÔ — Parece-me que está aqui muito escuro.

O PAI — Vamos para o terraço, ou ficamos neste quarto?

O TIO — Não será melhor ficarmos aqui? Toda a semana tem chovido e as noites estão húmidas e frias.

A FILHA MAIS VELHA — Apesar disso vêm-se as estrelas.

O TIO — Ora! As estrelas não provam coisa nenhuma.

O AVÔ — Melhor será ficarmos aqui. Nunca se sabe o que pode acontecer.

O PAI — Não há razão para nos inquietarmos. Agora ela já está livre de perigo...

O AVÔ — Pois eu creio que ainda não...

O PAI — Porque diz isso?

O AVÔ — Ouvi-lhe há pouco a voz.

O PAI — Mas se os médicos dizem que podemos estar tranquilos...

O TIO — Bem sabe que o seu sogro gosta de nos assustar sem motivo.

O AVÔ — É que eu não vejo como os outros.

O TIO — Por isso mesmo deve fiar-se naqueles que vêm. Hoje à tarde ela estava com ótimo aspecto. Agora está a dormir, e não devemos estragar a primeira noite sossegada que o destino nos consente... Parece-me que temos o direito de descansar, e até mesmo de rir um pouco, sem receio, esta noite.

O PAI — É verdade, é a primeira vez que me sinto em minha casa, entre os meus, depois daquele terrível parto.

TIO — Quando a doença entra numa casa, parece que um estranho se misturou à família.

O PAI — Mas é nestas ocasiões que se vê como, fora da família, não se pode contrair com mais ninguém.

O TIO — Tem razão.

O AVÔ — Porque não me deixaram ver hoje a minha pobre filha?

O TIO — Bem sabe que o médico proibiu.

O AVÔ — Não sei o que devo pensar...

O TIO — Não vale a pena assustar-se...

O AVÔ (*indicando a porta da esquerda*) Ela não nos ouve?

O PAI — Se não falarmos alto... De resto os muros são espessos, e a irmã de caridade que está junto dela avisa-nos se fizermos demasiado barulho.

O AVÔ (*indicando a porta da direita*) E ele?

O PAI — Também não deve ouvir nada.

O AVÔ — Dorme?

O PAI — Suponho que sim.

O AVO — Talvez seja melhor ir ver.

O TIO — O pequeno inquieta-me mais do que a sua mulher. Desde que nasceu, quase não fez ainda um movimento, não gritou, não chorou... Dir-se-ia uma criança de cera.

O AVÔ — Penso que mais tarde há-de vir a ser surdo, e talvez mudo. É no que dão os casamentos entre primos...

(*Silêncio reprovador*)

O PAI — Para que ele nascesse, a mãe teve de sofrer tanto... E eu quase lhe chego a querer mal por isso.

O TIO — Pobre pequeno, que culpa tem ele? É preciso sermos justos. Está agora sozinho?

O PAI — O médico não quer que ele fique no quarto da mãe.

O TIO — Mas tem a ama ao pé?

O PAI — Mandei-a descansar uma ou duas horas. Bem o merecia, coitada. Úrsula, vai ver se o menino está a dormir.

A FILHA MAIS VELHA — Sim, meu meu pai.

*As três irmãs levantam-se, de mãos dadas, entram no quarto da direita.*

O PAI — A que horas ficou de vir a nossa irmã?

O TIO — Pelas nove horas, creio.

O PAI — Já passa das nove. Oxalá que não falte: a minha mulher pediu muito que ela viesse.

O TIO — Vem com certeza. É a primeira vez que ela vem cá?

O PAI — Nunca entrou nesta casa.

O TIO — É-lhe difícil sair do convento.

O PAI — Virá sozinha?

O TIO Suponho que uma freira a acompanhará. Não podem sair sozinhas.

O PAI — Mas ela é a superiora.

O TIO — A regra é igual para todas.

O AVÔ — E não têm medo?

O TIO — E porque haviam de ter medo? Não falemos mais nisso. Já não há nada a recear.

O AVÔ — A vossa irmã é mais velha?

O TIO — Sim, é a mais velha de todos nós.

O AVÔ — Não sei o que tenho, mas não me sinto sossegado. Gostaria que a vossa irmã já aqui estivesse.

O TIO — Ela prometeu, não falta.

O AVÔ — Gostaria que esta noite já tivesse passado!

*Tornam a entrar as três filhas.*

O PAI — E então? Estava a dormir?

A FILHA MAIS VELHA — Profundamente, meu pai.

O TIO — Que vamos nós fazer enquanto esperamos?

O AVÔ — Enquanto esperamos o quê?

O TIO — Que chegue a nossa irmã.

O PAI — Úrsula, não vês ninguém aproximar-se?

A FILHA MAIS VELHA (*junto da janela*) Não, meu pai.

O PAI — E na alameda? Vês daí a alameda?

A FILHA MAIS VELHA — Sim, meu pai: o luar ilumina-a até ao bosque de ciprestes.

O AVÔ — E não vês ninguém?

A FILHA MAIS VELHA — Não, avô, ninguém.

O TIO — Como está o tempo?

A FILHA MAIS VELHA — Lindo... Não ouvem os rouxinóis?

O TIO — Oiço, oiço.

A FILHA MAIS VELHA — Levantou-se agora um pouco de vento na alameda.

O AVÔ — Um pouco de vento na alameda?

A FILHA MAIS VELHA — Sim, as folhas das árvores estremecem levemente.

O TIO — É estranho que a minha irmã não tenha ainda chegado.

O AVÔ — Agora já não se ouvem os rouxinóis.

A FILHA MAIS VELHA — Parece-me que alguém entrou no jardim, avô.

O AVÔ — Quem?

A FILHA MAIS VELHA — Não sei, não se vê ninguém.

O TIO — Certamente não era ninguém.

A FILHA MAIS VELHA — Há-de haver alguém no jardim. Os rouxinóis emudeceram de repente.

O AVÔ — Mas não se ouvem passos...

A FILHA MAIS VELHA — Alguém se aproxima do lago... Os cisnes estão com medo.

O PAI — E não vês ninguém?

A FILHA MAIS VELHA — Ninguém, meu pai.

O PAI — Mas o luar bate em cheio no lago...

A FILHA MAIS VELHA — Por isso mesmo é que eu vejo que os cisnes estão com medo.

O TIO — Tenho a certeza de que foi a nossa irmã que os assustou. Deve ter entrado pela porta mais pequena.

O PAI — Porque será que os cães não ladraram?

A FILHA MAIS VELHA — Vejo o cão de guarda escondido no fundo da sua casota. E os cisnes fogem para a outra margem!...

O TIO — É a nossa irmã que os assusta. Vou chamá-la. (*Chama para fora*) És tu, minha irmã? És tu? Não está ninguém lá fora.

A FILHA MAIS VELHA — Tenho a certeza de que alguém entrou no jardim.

O TIO — Se fosse ela, teria respondido!

O AVÔ — Úrsula, os rouxinóis não tornaram a cantar?

A FILHA MAIS VELHA — Nem um só se ouve...

O AVÔ — Mas não há ruidos na noite.

O PAI — Faz um silêncio de morte.

O AVÔ — Só um desconhecido os poderia assustar porque se fosse alguém da casa eles não se calariam.

O TIO — Que importam agora os rouxinóis?

O AVÔ — Todas as janelas estão abertas, Úrsula?

A FILHA MAIS VELHA — A porta envidraçada está aberta de par em par, avô.

O AVÔ — Entrou de repente o frio neste quarto.

A FILHA MAIS VELHA — Há um pouco de vento no jardim, avô, que faz desfolhar as rosas.

O PAI — Fecha então essa porta. Já é tarde.

A FILHA MAIS VELHA — Sim, meu pai. Não consigo fechar a porta.

AS OUTRAS DUAS FILHAS — Não conseguimos fechá-la.

O AVÔ — Que aconteceu, minhas filhas?

O TIO — Não é preciso dizer isso nesse tom. Eu ajudo-as a fechar.

A FILHA MAIS VELHA — Não se consegue fechá-la completamente.

O TIO — Será por causa da humidade. Vá, todos ao mesmo tempo. Força! Deve haver qualquer coisa entre os batentes.

O PAI — O carpinteiro conserta-a amanhã.

O AVÔ — Ele vem cá amanhã?

A FILHA MAIS VELHA — Sim, avô, para trabalhar na adega.

O AVÔ — Mas então vai fazer barulho!

A FILHA MAIS VELHA — Eu digo-lhe para não fazer.

*Ouve-se subitamente o ruído de uma foice que está sendo aguçada lá fora.*

O AVÔ (*estremecendo*) Oh!

O TIO — Que é isto?

A FILHA MAIS VELHA — Não sei bem. Parece-me que é o jardineiro. Daqui não o vejo bem, deve estar na parte do jardim que o luar não ilumina.

O PAI — É o jardineiro que vai ceifar.

O TIO — Durante a noite?

O PAI — Amanhã não é domingo? É, sim. Notei hoje que a erva em redor da casa tinha crescido muito.

O AVÔ — Que barulho faz essa foice...

A FILHA MAIS VELHA — É ele que está a ceifar à volta da casa.

O AVÔ — Está a vê-lo, Úrsula?

A FILHA MAIS VELHA — Não, avô. A sombra não o deixa ver.

O AVÔ — Tenho medo que ele acorde a minha filha.

O TIO — Mal se ouve...

O AVÔ — Pois eu ouço-o como se estivesse a ceifar dentro de casa.

O TIO — Não há perigo, a doente não pode ouvi-lo.

O PAI — Parece-me que esta noite a lâmpada não arde bem.

O TIO — Talvez precise de azeite.

O PAI — Ainda esta manhã o puseram. Desde que se fechou a janela a luz enfraqueceu.

O TIO — É o vidro que está embaçado.

A FILHA MAIS VELHA — O avô adormeceu. Há três noites que não dormia.

O PAI — Coitado... Tem-se afligido muito.

O TIO — Aflige-se sempre mais do que devida. E há ocasiões em que não dá ouvidos a ninguém.

O PAI — Na sua idade é desculpável.

O TIO — Deus sabe o que será de nós quando lá chegarmos!

O PAI — Tem perto de oitenta anos.

O TIO — Então não admira que às vezes nos pareça estranho.

O PAI — Todos os cegos são assim.

O TIO — Pensam demais.

O PAI — Têm muito tempo a perder. E não têm mais nada que os distraia.

O TIO — Deve ser horrível.

O PAI — Dizem que acabam por se habituar.

O TIO — Não compreendo como isso é possível.

O PAI — É bem certo que infundem piedade.

O TIO — Não saber onde se está, não saber onde se vem nem para onde se vai, não distinguir o dia da noite nem o verão do inverno... E as trevas sempre à nossa volta... Ah! eu preferia não viver... É absolutamente incurável?

O PAI — Parece que sim.

O TIO — Mas ele não está completamente cego?

O PAI — Distingue apenas as grandes claridades.

O TIO — Todo cuidado é pouco com os nossos pobres olhos.

O PAI — Por vezes acodem-lhe ao espírito estranhas idéias.

O TIO — Sim, há ocasiões em que não é divertido estar a ouvi-lo.

O PAI — Diz tudo o que lhe passa pela cabeça.

O TIO — Mas dantes não era assim?

O PAI — Não, dantes era tão sensato como qualquer de nós; tudo o que dizia era normal. É verdade que a Úrsula tem uma certa culpa: responde a tudo que ele pergunta...

O TIO — Melhor seria para ele que não respondesse.

*O relógio bate onze horas.*

O AVÔ (*acordando*) Estou voltado para o terraço?

A FILHA MAIS VELHA — Dormiu bem, avô?

O AVÔ — Estou voltado para o terraço?

A FILHA MAIS VELHA — Sim, avô.

O AVÔ — Não está ninguém no terraço?

A FILHA MAIS VELHA — Não, avô, não vejo ninguém.

O AVÔ — Julguei que estivesse alguém à espera. Não veio ninguém?

A FILHA MAIS VELHA — Ninguém, avô.

O AVÔ (*para o Pai e o Tio*) E a vossa irmã ainda não chegou?

O TIO — Já é muito tarde; agora não creio que venha. Foi pouco gentil da sua parte.

O PAI — Começo a ficar inquieto.

*Ouve-se um ruído, como de alguém que entra em casa.*

O TIO — Ela aí está! Não ouviram?

O PAI — Ouvi, alguém entrou pelos subterrâneos.

O TIO — Deve ser a nossa irmã. Conheço-lhe os passos.

O AVÔ — Oiço alguém que lentamente avança.

O PAI — Ela entrou quase sem fazer barulho.

O TIO — Sabe que há um doente em casa.

O AVÔ — Agora já não ouço nada.

O TIO — Já não pode tardar. Lá embaixo hão de dizer-lhe que estamos aqui.

O PAI — Ainda bem que ela veio.

O TIO — Eu tinha certeza de que ela não faltaria esta noite.

O AVÔ — Demora muito a subir a escada!

O TIO — Não pode ser senão ela.

O PAI — Não esperamos outra visita.

O AVÔ — Continuo a não ouvir coisa nenhuma.

O PAI — Vou chamar a criada: assim saberemos o que se passa.

*Vai puxar o cordão da campaninha.*

O AVÔ — Agora já ouço ruído na escada.

O PAI — É a criada que eu chamei.

O AVÔ — Parece que não vem sozinha.

O PAI — Mas como sobe devagar!

O AVÔ — Ouço os passos de vossa irmã.

O PAI — Eu só ouço os da criada.

O AVÔ — É a vossa irmã. É a vossa irmã!

*Batem à porta mais pequena*

O PAI — Eu vou abrir. Só nos servimos desta porta quando queremos entrar sem ninguém dar por isso.

*Entreabre a porta, a Criada fica de fora, no limiar.*

O AVÔ — É a vossa irmã?

O TIO — Apenas vejo a criada.

O PAI — Não vejo mais ninguém com ela. (*À Criada*) Quem foi que entrou?

A CRIADA — Quem entrou aonde, meu senhor?

O PAI — Cá em casa; não acaba de entrar alguém?

A CRIADA — Não entrou ninguém, meu senhor.

O AVÔ — Quem se ouve suspirar?

O TIO — É a criada, que vem ofegante.

O AVÔ — Está a chorar?

O TIO — E porque havia ela de chorar?

O PAI (*à Criada*) Ninguém entrou?

A CRIADA — Ninguém, meu senhor.

O PAI — Mas nós ouvimos abrir a porta!

A CRIADA — Fui eu que a fechei.

O PAI — Estava então aberta?

A CRIADA — Sim, meu senhor.

O PAI — Como se explica que estivesse aberta a esta hora?

A CRIADA — Não sei, meu senhor, eu tinha-a fechado.

O PAI — Mas então quem foi que a abriu?

A CRIADA — Não sei, meu senhor. Só se alguém saiu depois de mim...

O PAI — É preciso tomar cuidado! Mas não empurre a porta! Não está a ver como ela range?

A CRIADA — Mas eu nem sequer lhe toquei!

O PAI — Não diga isso! Eu bem a vejo empurrá-la como se quisesse entrar!

A CRIADA — Não pode ser, eu estou afastada da porta!

O PAI — Fale mais baixo.

O AVÔ — Apagaram a luz?

A FILHA MAIS VELHA — Não, avô.

O AVÔ — Parece-me que de repente tudo escureceu.

O PAI (*para a Criada*) Volte lá para baixo, mas não torne a fazer barulho ao descer.

A CRIADA — Mas eu não fiz barulho.

O PAI — Nós bem ouvimos. Desça devagar para não acordar a senhora. E se vier alguém, diga que não estamos.

O TIO — Isso mesmo, que não estamos.

O AVÔ (*estremecendo*) Não deviam ter dito isso!

O PAI — A não ser para a minha irmã e para o médico.

O TIO — A que horas virá o médico?

O PAI — Depois da meia-noite.

*Fecha a porta. O relógio deixa cair uma badalada de meia hora.*

O AVÔ — Ela entrou?

O PAI — Quem?

O AVÔ — A criada.

O PAI — Não, desceu para a cozinha.

O AVÔ — Parece-me que se tinha sentado à mesa.

O TIO — A criada?

O AVÔ — Sim.

O TIO — Era o que faltava!

O AVÔ — Ninguém entrou neste quarto?

O PAI — Não, ninguém.

O AVÔ — E a vossa irmã não está aqui?

O TIO — Até agora ainda não veio.

O AVÔ — Estão-me a enganar!

O TIO — A enganá-lo?

O AVÔ — Úrsula, dize-me a verdade, pelo amor de Deus!

A FILHA MAIS VELHA — Avô, avô! O que tem?

O AVÔ — Aconteceu alguma coisa! Tenho a certeza de que a minha filha está pior. . .

O TIO — Está a sonhar?

O AVÔ — Não me querem dizer! Mas eu bem vejo que aconteceu alguma coisa. . .

O TIO — Nesse caso, vê melhor do que nós.

O AVÔ — Úrsula, diz-me a verdade!

A FILHA MAIS VELHA — Mas nós estamos a dizer a verdade, avô!

O AVÔ — A tua voz está diferente!

O PAI — Porque a assusta com essas perguntas?

O AVÔ (*voltando-se para o Pai*) E a sua também!

O PAI — Endoideceu!

*O Pai e o Tio trocam sinais dando a entender que o Avô perdeu a razão.*

O AVÔ — Bem vejo que estão com medo!

O PAI — Medo? Medo de quê?

O AVÔ — Porque é que me querem enganar?

O TIO — Ninguém pensa em enganá-lo.

O AVÔ — Porque é que apagaram a luz?

O TIO — Mas ninguém apagou a luz: está tão claro como há pouco.

A FILHA MAIS VELHA — Parece-me que a lâmpada baixou.

O PAI — Eu não noto diferença nenhuma.

O AVÔ — Sinto grandes círculos negros que me pesam nas pálpebras! Minhas filhas, digam-me o que se passa aqui! Diga, por amor de Deus! Vocês podem ver, mas eu estou aqui sozinho, perdido no meio da escuridão. . . desta escuridão que não tem fim! Não sei quem veio sentar-se ao

meu lado, não sei o que se passa à minha volta! Porque estão a falar em voz baixa?

O PAI — Ninguém falou em voz baixa.

O AVÔ — Falaram, sim, ao pé da porta.

O PAI — Não está ninguém ao pé da porta.

O AVÔ — Tenho a certeza de que entrou alguém neste quarto!

O PAI — Torno a dizer-lhe que ninguém entrou!

O AVÔ — Quem foi? A vossa irmã ou um padre? Não procurem enganar-me. Úrsula, quem foi que entrou?

A FILHA MAIS VELHA — Ninguém, avô.

O AVÔ — Não procurem enganar-me, eu sei o que digo! Quantas pessoas estão aqui?

A FILHA MAIS VELHA — Somos seis à volta da mesa, avô.

O AVÔ — Todos à volta da mesa?

A FILHA MAIS VELHA — Sim, avô, todos.

O AVÔ — O Paulo está aí?

O PAI — Estou sim.

O AVÔ — E o Oliveiros?

O TIO — Também estou, no lugar do costume. Mas não acha que já é tempo de acabar com esta brincadeira?

O AVÔ — Estás aí, Genoveva?

UMAS DAS FILHAS — Estou, sim, avô.

O AVÔ — E tu, Gertrudes?

A OUTRA FILHA — Também estou.

O AVÔ — E a Úrsula?

A FILHA MAIS VELHA — Estou mesmo ao seu lado, avô.

O AVÔ — E ali, quem é que está sentado.

A FILHA MAIS VELHA — Aonde, avô? Ali? Não está ninguém.

O AVÔ — Ali, ali, no meio de nós?

A FILHA MAIS VELHA — Já lhe disse, avô, não está ninguém.

O PAI — Ouviu? Não está ninguém!

O AVÔ — Vocês é que não vêm!

O TIO — Está a brincar?

O AVÔ — Juro-lhes que não sinto o menor desejo de brincar!

O TIO — Então acredite naqueles que têm olhos para ver.

O AVÔ (*indeciso*) Julguei que houvesse mais alguém. . . Sinto que já não hei de viver muito tempo. . .

O TIO — Porque razão havíamos de enganá-lo? Com que intenção?

O PAI — Cedo ou tarde, teríamos sempre que lhe dizer a verdade.

O TIO — De que serve enganar-mo-nos uns aos outros?

O PAI — Não poderia viver indefinidamente no erro.

O AVÔ (*tentando levantar-se*) Ah! como eu desejaria poder rasgar esta névoa!

O PAI — Para onde quer ir?

O AVÔ — Para ali. . .

O PAI — Não esteja assim inquieto.

O TIO — Está hoje tão estranho!

O AVÔ — São vecês que me parecem estranhos!

O PAI — Que procura?

O AVÔ — Não sei o que tenho.

A FILHA MAIS VELHA — Avô, avô, diga-me o que precisa?

O AVÔ — Dêem-me as vossas mãos, minhas filhas.

AS TRÊS FILHAS — Sim, avô.

O AVÔ — Porque estão a tremer tanto?

A FILHA MAIS VELHA — Mas nós não estamos a tremer, avô.

O AVÔ — E como estão pálidas, as três!

A FILHA MAIS VELHA — É tarde, avô, e estamos cansadas.

O PAI — Deviam deitar-se, e o avô também faria melhor se fosse descansar um pouco.

O AVÔ — Esta noite não serei capaz de dormir.

O TIO — Ficamos nós à espera do médico.

O AVÔ — Deixem-me ver a minha pobre filha!

O PAI — Bem sabe que é impossível; não devemos acordá-la inutilmente.

O TIO — Amanhã a verá.

O AVÔ — Não se ouve ruído nenhum no quarto dela.

O TIO — Se se ouvisse é que era motivo para sustos.

O AVÔ — Há muito tempo que não vejo a minha filha... Ontem à noite peguei-lhe nas mãos sem poder vê-la! Já não sei como ela é... Já não conheço o seu rosto... Como ela deve estar diferente, ao cabo de todas estas semanas... Senti-lhe os ossos da cara quando a afaguei.

Entre mim e ela agora só há a escuridão... A escuridão e todos vós!... Assim não posso viver... Nem isto é viver... Estão todos a olhar para mim, para os meus olhos sem vida, e ninguém sente piedade! Não sei o que tenho... Nunca dizemos o que deveríamos dizer... e quando se pensa, é tudo tão terrível! Mas porque é que se calaram?

O TIO — Que havemos nós de dizer, se não acredita em nós?

O AVÔ — Têm medo de se denunciar!

O PAI — Vamos, seja sensato!

O AVÔ — Há muito tempo que me escondem qualquer coisa. Alguma coisa aconteceu nesta casa... E agora é que eu começo a compreender. Há muito tempo que me enganam! Julgam que eu nunca viria a saber? Há ocasiões em que sou menos cego

do que os outros, entendem? Há dias e dias que os ouço falar em voz baixa, como se estivessem na casa de um enforcado! Não me atrevo a dizer o que sei esta noite... Mas hei-de saber a verdade! Espero que me digam a verdade, embora, apesar de tudo, há muito que a saiba! E agora sinto que estão todos mais pálidos do que os mortos!

AS TRÊS FILHAS — Avô! Avô! O que tem, avô?

O AVÔ — Não é de vocês que eu estou a falar, minhas filhas... Não, não é de vocês... Bei sei que vocês me diriam a verdade, se eles deixassem! De resto, tenho a certeza de que também vocês foram enganadas por eles... Havemos de ver! Havemos de ver!

O PAI — Julga verdadeiramente que a minha mulher está em perigo?

O AVÔ — Não continuem a tentar enganar-me; agora já é tarde, e eu sei a verdade melhor do que todos!

O TIO — Mas nós não somos cegos!

O PAI — Quer entrar no quarto da sua filha? Há aqui um engano e um mal-entendido a que é preciso por fim. Quer entrar?

O AVÔ (*subitamente indeciso*) Não, não... Agora não... Ainda não...

O TIO — Bem vê que não está a ser razoável.

O AVÔ — Nunca se sabe tudo o que um homem não pôde dizer durante a sua vida! Quem está a fazer este barulho?

A FILHA MAIS VELHA — É a luz que treme, avô.

O AVÔ — Parece-me bem agitada... bem agitada...

A FILHA MAIS VELHA — É o vento que a faz estremecer...

O TIO — Agora não há vento, as janelas estão fechadas.

A FILHA MAIS VELHA — Está quase a apagar-se,

O PAI — Já não tem azeite.

A FILHA MAIS VELHA — Pronto. Apagou-se.

O PAI — Não podemos ficar assim às escuras.

O TIO — E porque não? Eu já estou habituado.

O PAI — Há uma luz no quarto de minha mulher.

O TIO — Iremos buscá-la quando o médico chegar.

O PAI — É certo que a luz que vem de fora chega para iluminar este quarto.

O AVÔ — Há claridade lá fora?

O PAI — Mais do que aqui.

O TIO — Eu gosto de conversar às escuras.

O PAI — Também eu.

*Um silêncio.*

O AVÔ — Que barulho faz o relógio!

A FILHA MAIS VELHA — É porque estamos calados, avô.

O AVÔ — E porque foi que se calaram?

O TIO — De que havíamos nós de falar? Que estranhas coisas tem dito esta noite!

O AVÔ — O quarto está muito escuro?

O TIO — Sim, a luz é pouca.

*Um silêncio*

O AVÔ — Não me sinto bem. Úrsula, abre um pouco a janela.

O PAI — Sim, minha filha, abre um pouco a janela; também eu começo a sentir necessidade de respirar.

*A Filha abre a janela.*

O TIO — Francamente, acho que estamos aqui fechados há demasiado tempo.

O AVÔ — Abriste a janela?

A FILHA MAIS VELHA — Sim, avô, de par em par.

O AVÔ — Dir-se-ia que continua fechada. Não vem o mais pequeno som lá de fora.

A FILHA MAIS VELHA — É verdade, avô, não se ouve nada.

O PAI — Que extraordinário silêncio!

A FILHA MAIS VELHA — Se um anjo voasse neste momento, ouvia-se!

O TIO — Por isso é que eu não gosto do campo.

O AVÔ — Gostaria de ouvir um som qualquer. Úrsula, que horas são?

A FILHA MAIS VELHA — Quase meia-noite, avô.

*Neste momento, o Tio começa a caminhar de um lado para outro da cena.*

O AVÔ — Quem é que está a andar de um lado para o outro?

O TIO — Sou eu, sou eu, não se assuste. Senti necessidade de fazer um pouco de movimento. *(Silêncio)* Mas vou sentar-me outra vez.

*Silêncio.*

O AVÔ — Gostaria de estar noutra sítio.

A FILHA MAIS VELHA — Onde, avô?

O AVÔ — Não sei, noutra quarto, mas não aqui! Não aqui!

O PAI — Para onde queria que fôssemos?

O TIO — É muito tarde para irmos para outro sítio.

*Silêncio. Estão todos sentados, imóveis, ao redor da mesa.*

O AVÔ — Que estou eu a ouvir, Úrsula?

A FILHA MAIS VELHA — Nada, avô, são as folhas que caem no terraço.

O AVÔ — Vai fechar a janela, Úrsula.

A FILHA MAIS VELHA — Sim, avô.

*Vai fechar a janela e depois torna a sentar-se.*

O AVÔ — Tenho frio. *(Silêncio)* E agora, o que é isto que eu estou a ouvir?

A FILHA MAIS VELHA — Nada, avô. Fui eu que apertei as mãos.

*(Silêncio)*

O AVÔ — E agora?

A FILHA MAIS VELHA — Não sei, avô... talvez as minhas mãos a tremer...

O AVÔ — Também eu tenho medo, minhas filhas.

*Neste momento, um raio de lua atravessa os vitrais, entornando uma luz estranha sobre a cena. Começam a soar as doze badaladas da meia-noite, e ouve-se, ao cair da última badalada, o vago som, quase indistinto, de alguém que rapidamente se levanta. O avô estremece.*

O AVÔ — Quem foi que se levantou?

O TIO — Ninguém se levantou.

O PAI — Eu não me levantei!

AS TRÊS FILHAS — Eu também não! Eu também não! Eu também não!

O AVÔ — Alguém se levantou da mesa!

O TIO — Acendam a luz!

*Neste momento ouvem-se gemidos, vindos do quarto da criança, à D; esses gemidos continuam a ouvir-se até final da cena.*

O PAI — Estão a ouvir? É a criança!

O TIO — É a primeira vez que ela chora!

O PAI — Vamos ver!

O TIO — Acendam a luz! Acendam a luz!

*Ouvem-se agora passos precipitados e surdos que correm do quarto da E. Depois um silêncio de morte. Todos escutam, num terror mudo, até que a porta do quarto da E. se abre lentamente e a luz do quarto penetra em cena. No limiar da porta aparece a Irmã de caridade, vestida de negro, que se inclina e faz o sinal da cruz para anunciar a morte da mulher. Os outros compreendem e, depois de um momento de indecisão e terror, entram silenciosamente na câmara mortuária, deixando o cego sozinho em cena. Este levanta-se e, tateando, gira em redor da mesa, procurando orientar-se.*

O AVÔ — Onde vão? Onde vão? Não me deixem sozinho!